

# A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO

*The Niterói School and the irredentist resistance of Ana Maria Motta Ribeiro*

Gizlene NEDER<sup>1</sup>  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Márcia Barros Ferreira RODRIGUES<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

**Resumo:** Este trabalho visa a divulgação das experiências históricas de pesquisadores e professores dos campos dos estudos humanistas no Brasil no último quartel do século XX, em particular na UFF/ICHF. Análoga às experimentações intelectuais inovadoras da Escola de Frankfurt essas vivências serão denominadas de Escola de Niterói, com destaque para a resistência política irredentista de Ana Maria Motta Ribeiro. Relata sua participação na criação de um coletivo de intelectuais que, no auge da ditadura militar instalada após o Golpe de 1964, resultou no *Socii. Pesquisadores Associação em Ciências Sociais*.

**Palavras-chave:** Coletivo de pesquisadores em Ciências Sociais. Resistência política irredentista. Escola de Niterói. Sociologia viva.

**Abstract:** This paper aims to disseminate the historical experiences of researchers and professors in the field of humanistic studies in Brazil during the last quarter of the 20th century, particularly at UFF/ICHF. Analogous to the innovative intellectual experiments of the Frankfurt School, these experiences are referred to as the Niterói School, with special emphasis on the irreducible political resistance of Ana Maria Motta Ribeiro. It recounts her involvement in the creation of a collective of intellectuals that, at the height of the military dictatorship following the 1964 coup, resulted in the founding of *Socii –Researchers' Association in Social Sciences*.

**Keywords:** Social Sciences research collective. Irreducible political resistance. Niterói School; Living sociology.

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela USP. Pós-doutorado na Biblioteca Nacional de Lisboa, como Bolsista de Investigação da Fundação Luso-Brasileira para o Desenvolvimento dos Povos de Língua Portuguesa. Professora Titular de História da UFF e pesquisadora do CNPq e da Faperj – E-mail: gizleneneder@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9550-015X>.

<sup>2</sup> Doutora em História Social pela USP. Estudos de Pós-doutorados em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense pelo PPGCP/UFF. Professora Titular de Sociologia da Ufes – E-mail: mbfrodrigues@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6022-3041>.

## Introdução

A experiência de ensino e pesquisa na formação da Universidade Federal Fluminense (UFF) envolve uma plêiade de professores e pesquisadores que atuam no campo das humanidades da qual a professora Ana Maria Motta Ribeiro faz parte e vem impactando gerações por meio das influências teórico-políticas que nominamos de Escola de Niterói. Tal qual a Escola de Frankfurt que surgiu na década de 1920, na Alemanha, vinculada ao Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt e ganhou destaque por desenvolver a Teoria Crítica, a Escola de Niterói, vinculada ao ICHF/UFF, vem se notabilizando pelo rastro de influência e impacto nas gerações de cientistas sociais formados nesta tradição escolar inovadora.

Na conjuntura da década de 1970, a UFF possuía o melhor curso de Ciências Sociais do Rio de Janeiro e constituiu uma alternativa como a Escola Paulista de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Nesse contexto, iremos enfatizar a sociologia irredentista (que não se rende) praticada pelos professores e pesquisadores da UFF com realce para atuação da professora Ana Maria Motta Ribeiro pelo legado presente na sua atividade docente e de pesquisadora a frente da experiência de trabalho coletivo, realizada no Observatório Fundiário Fluminense (OBFF) sob sua coordenação. Em suas palavras:

Esta disciplina é o que eu sou; com uma trajetória e bibliografia que conta a minha história acadêmica que é uma trajetória afetiva e coletiva. A minha saída tem a ver com a artesanato do meu conhecimento e também desse coletivo, onde as pessoas que eu convidou também possuem a experiência de trabalho coletivo, realizado no Observatório Fundiário Fluminense; dele fazem parte os meus “filhotes”, com as várias gerações de filhotes que tenho. Eles são mais a minha voz do que se pode imaginar. Hoje a gente vai ter da primeira geração de filhotes, a Marcia Rodrigues, e a frase frequente que eu uso para ela é que ela é uma das minhas filhotes que tem mais títulos que eu, ela tem dois pós-doutorados, e é da maior competência e autoridade. Como eu sou ela e ela também sou eu, significa que o orgulho e a honra também são meus – uma capacidade de síntese que eu nunca vi e uma inteligência desde sempre. E também entre os convidados tem as amizades, mais do que amizades, aquelas substantivas, sólidas e fundamentais na minha formação: a Gizlene Neder. Fazemos aniversário no mesmo mês e nascemos no mesmo ano; temos uma história parecida e fundamos nos anos 1970 o primeiro coletivo de trabalho da minha vida, chamado SOCII (Pesquisadores Associados de Ciências Sociais). Tem um tema trabalhado por Gizlene que para mim foi super impactante. Foi com ela que aprendi que no Brasil o autoritarismo e liberalismo são expressões do próprio autoritarismo. Nós escrevemos livros pequeninos e ela tinha um livrinho chamado “Os Compromissos conservadores do liberalismo no Brasil”. Foi a primeira virada que tive para ter a opção que jamais poderei e nem quero pensar para entender o mundo sozinha. O meu olhar sempre irá precisar de parcerias de conhecimento. Gizlene Neder é uma mestra de historiografia, articulada, interessada em movimentos sociais, os quais valoriza de uma maneira tal e quando escreve e analisa, faz com que as contradições pareçam formas vivas de pulsão social. E assim,

### *A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO*

então, as formas de resistências do processo histórico passam a revelar a realidade que a gente conhece (Ana Maria Motta Ribeiro, aula da disciplina "Tópicos Especiais em Sociologia X – A crise das crises da Sociologia Ocidental", Universidade Federal Fluminense, 11 de dezembro de 2024).

## 1. Formação da Escola de Niterói

A resistência irredentista de Ana Maria Motta Ribeiro se distingue dos retornados do exílio, com a nossa aquiescência, que retomaram e ocuparam seus lugares no ensino superior no Brasil, mas não só. Alguns chegaram de boa, outros chegaram com raiva e ressentidos. Eles conheceram a resistência irredentista dos que ficaram dos que não foram encarcerados nem torturados até por causa da idade e pelo esvaziamento dos movimentos sociais e políticos. Os que ingressaram na universidade na década de 1970, depois do AI-5, por exemplo. Praticamente pouquíssimos se abriram a novas amizades como seria de esperar de jovens que ingressam em nova etapa de suas vidas, para realizar estudos universitários. Havia medo e desconfiança dos ‘dedos-duros’.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), para quem podia pagar, era uma alternativa no campo das humanidades. Isso porque a Nacional estava em terra arrasada. Para lá, ingressaram, como professores, muitos filhos e parentes de militares; ocuparam vagas dos professores cassados nas Ciências Sociais, que foi uma das áreas que sofreu muita intervenção. O Direito também sofreu muita intervenção. A História teve muita cassação, mas era considerada menos impactante dentro dessa área de Ciências Sociais e Humanas. A projeção era a Sociologia, as Ciências Sociais, que no Brasil (no Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo) já nasceram na referência epistemológica interdisciplinar: não nos esqueçamos do pomposo título de Faculdades Livres de Ciências Jurídicas e Sociais do início do século XX.

Entretanto, a partir da reforma educacional de Francisco Campos (1931), na expressão mais tacanha do integralismo e do regresso, o país foi colocado de volta ao ensino universitário do século XIX; ou seja, emburreceu o campo intelectual de então. Prova disso é que quando o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) da UFF criaram os cursos de Sociologia, Antropologia, muitos se colocaram contrários. Esta posição se justificava no fato de que seria um retrocesso, ou seja, voltar ao século XIX, porque no momento da criação das próprias faculdades livres de Direito, foram designadas Faculdades Livres de Ciências Jurídicas e

Sociais. E a Sociologia, História, Letras saem do campo de humanidades das faculdades de Direito, aqui como na Europa ou nos Estados Unidos.

As lutas estudantis no período imperial foram pelo “ensino livre”. Quando novos cursos de Direito foram criados com o fim do Império, porque no Império havia o monopólio do ensino universitário em Recife e São Paulo, ou seja, eles já foram criados nos marcos da inovação epistemológica de Ciências Jurídicas e Sociais.

No começo do século XXI, na Universidade Federal Fluminense, visando a criação de novas vagas para o quadro docente, os departamentos abriam cursos novos. Tivemos como resultado, um regresso epistemológico de fortes proporções, voltando às especializações em Sociologia, Antropologia. Nesse momento ocorreram debates acalorados na UFF; houve muita disputa. Entretanto, entre muitas argumentações para separação de campos de estudos nas Ciências Sociais, o que pesava, para alguns, era a experiência da Escola do Recife nas duas últimas décadas do século XIX. Assim como a Universidade de Columbia em Nova York, que era uma cidade pequena e não a metrópole tão grandiosa de hoje, já tinha criado laboratórios de pesquisas multidisciplinares. No Brasil, quando a Universidade do Distrito Federal foi criada por Anísio Teixeira em 1935, o modelo foi inspirado na Universidade de Columbia. No entanto, Anísio Teixeira foi acusado de protestante. Décadas depois, quando outro regresso político aconteceu no país (com o Golpe de 1964), o Brasil conheceu outro processo de regresso e emburrecimento epistemológico.

As marcas da discussão da interdisciplinaridade que orientou a criação em 1935 da Universidade do Distrito Federal idealizada por Anísio Teixeira (e fechada em 1938 depois do golpe do Estado Novo) está registrada em um livro muito citado, “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Holanda (1995). Contudo, não teve seus últimos capítulos tão comentado, onde o autor narra sua experiência na Universidade do Distrito Federal, modelo de Columbia. O importante a destacar é que Anísio Teixeira convidou, para a Universidade do Distrito Federal, todos os intelectuais de ponta.

Isto posto, se faz imperioso remontar tal processo histórico de renovação desde 1930. Até 1964 as condições para a virada dessa renovação da Filosofia, da Ciência Política e da Sociologia já estavam dadas. Entretanto, pós 1964, outra universidade sofreu um golpe parecido com o da Universidade do Distrito Federal dos anos 1930. Nesse ponto é preciso ressaltar o papel político do intelectual orgânico, no sentido gramsciano, de Francisco Campos, mentor integralista de todos os projetos educacionais de regresso. Francisco Campos atuou nos anos

#### *A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO*

1930, organicamente na política educacional do Brasil. Foi Ministro da Educação e também teve participação ativa nos desdobramentos jurídicos do golpe de 1964.

Cabe ressaltar, que desde o fechamento da Universidade do Distrito Federal, em 1938, experimentamos uma brecha democrática do governo João Goulart (1961-1964), quando foi criada a Universidade Nacional de Brasília (UnB), colocando-se em ação o projeto da Universidade do Distrito Federal (UDF) de Anísio Teixeira, com Darcy Ribeiro à frente. A UnB montou os laboratórios do projeto do Anísio Teixeira. Durou dois anos, até o advento do Golpe (1964). A intervenção militar atacou de forma violenta a universidade pública. Teve queima de livros como ritual simbólico de amontoar os livros amealhados ou comprados para fazer a biblioteca da nova Universidade, a UnB. Darcy Ribeiro foi preso, por ser Reitor escolanovista aliado de Anísio Teixeira. A biblioteca foi queimada, Darcy se refugiou na Granja do Torto e dali foi direto para o exílio fora do Brasil. Quando Darcy Ribeiro retorna depois da Anistia, em 1979, dirige-se para a antiga Faculdade Nacional de Filosofia (IFCS/UFRJ). Porém, já doente, com câncer, foi hostilizado pelos professores que se instalaram por lá durante a ditadura e eram apaniguados por serem parentes de generais; dominaram e ainda dominam as avaliações da CAPES e CNPq. Diante desse fato, Darcy Ribeiro decidiu pela atuação política ao lado de Leonel Brizola.

A Sociologia praticada aqui ainda tinha o eco da Faculdade Nacional de Filosofia. Em que pese a USP ter sido em parte preservada pela ditadura militar, no Rio De Janeiro a Faculdade Nacional de Direito e a Faculdade Nacional de Filosofia, não foram, e não restou pedra sobre pedra. O que sobrou, em termos de professores e estudantes que compunham a massa crítica da antiga Capital Federal, veio para a UFF, para Niterói. Resulta daí, também e exemplificando, a criação do curso de pós-graduação em Ciências Jurídicas e Sociais, uma iniciativa de professores do Departamento de Sociologia e Metodologia em parceria interdisciplinar com a Faculdade de Direito da UFF.

Um outro dado igualmente importante, quando o país conheceu a Lei da Anistia em 1979, os professores cassados e retornados e com direito à retomada de seus postos de trabalho nas universidades federais (a ditadura havia criado em 1969 uma universidade federal em cada capital dos estados federados) na hora de escolher seu posto de trabalho, a maioria dos que foram da Universidade do Brasil, (a antiga Faculdade Nacional de Filosofia havia se convertido no Instituto de Filosofia e Ciências Da UFRJ), escolheram se vincular à UFF. Dessa forma, é importante destacar que a massa crítica da UFF, que já era bastante robusta, ficou mais robusta

#### *A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO*

ainda e esse fato histórico fez da UFF não só um espaço de resistência política, mas também de qualidade acadêmica no campo do ensino e da pesquisa na área das humanidades.

Outro destaque em relação ao pioneirismo da UFF no contexto em questão é o trabalho realizado pela professora Gizlene Neder na Biblioteca Central de Ciências Humanas (BCG – Biblioteca Central do Gragoatá), trabalho de 17 anos, em solicitação de verbas e concorrendo a editais de financiamento. Levantamentos junto com os colegas da História e com a participação de outros departamentos e pós-graduações. Registra-se mais de 5 milhões para biblioteca, fora das linhas específicas de verbas de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), Programa Universidade para Todos (PROUNI), do Ministério da Educação (MEC). Foram feitos projetos da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Embora longe do ideal, a BCG é a melhor biblioteca universitária do Grande Rio; bem avaliada em todos os pontos dos cursos de graduação e pós-graduação em ciências humanas e sociais. E ainda tem a fortuna recente em relação à questão da multidisciplinaridade, de que o prédio da Biologia está ao lado da BCG, onde temos pesquisas de ponta em neurociência, etiologia e ciências humanas. Assim, temos hoje além de inovação epistemológica, estilos de vida alternativa; nada de agrotóxicos ou alimentos processados etc. Ainda Resta a luta por um toque a mais de pensamento sociológico, que apostamos ter em breve na convivência.

Diante do quadro acima, defendemos a existência de uma Escola de Niterói, forjada na conjuntura autoritária do golpe militar de 1964 e que dialeticamente no instante daquela contradição, propiciou criatividade e ousadia teórica na formação dos jovens cientistas sociais daquele momento. É muito interessante a inovação epistemológica mais radical que se tem, inclusive do ponto de vista da psicanálise, da ciência política, da sociologia e da história das ideias, que estão despontando novamente como uma possibilidade, como reverberação da Escola de Niterói na UFF, nos vários cantos da federação pelos jovens formados por esta tradição escolar.

Nesse sentido, ressaltamos a necessidade histórica de acompanharmos esse movimento na superação da repetição de autores católicos da França, Inglaterra, Alemanha, que orientam uma visada estreita em relação ao pensamento político colonial. Desta feita, honrando as raízes da Escola de Niterói, vale o questionamento e efetivação, já ensaiada por alguns, de incluir no repertório dos estudos da teoria política ou da história das ideias políticas autores como Gandhi,

#### ***A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO***

Fanon, Che Guevara, Mao Tsé Tung, Malcolm X, Agostinho Neto, Lélia Gonzalez, Virgínia Bicudo, Neusa Santos e tantos outros.

A Escola de Niterói encarnada pela UFF e seus professores/pesquisadores bem como seus desdobramentos pelas universidades brasileiras por meio dos alunos que passaram pelo curso de Ciências Sociais desde sua criação em 1960 até o momento atual, repercute na produção teórica e formação ético-política do ICHF/UFF. Assim, a produção da professora/pesquisadora Ana Maria Motta Ribeiro, nossa homenageada de hoje, é um exemplo dessa vitalidade teórica e metodológica imprescindível na renovação e atualização exigida pela história universal e que constitui uma marca da Escola de Niterói.

## 2. *Socii* – Pesquisadores Associados de Ciências Sociais

Retomando a experiência de resistência política, entra em cena a professora Ana Motta Ribeiro e a resistência política irredentista. Ana Motta lutou para voltar para realizar o ensino na universidade nos marcos da teoria crítica. Para tal não precisou de relações de favor e nem de aproximações afetivas com intelectuais do “mainstream”, o que significa uma questão feminista importantíssima. Fez a resistência. Quando o general Ernesto Geisel, que não era da linha dura, decretou em abril de 1977 o Pacote de Abril, um grupo de jovens cientistas sociais: Gizlene Neder, Gisálio Cerqueira Filho, Michel Misse, Antônio A. Serra, Dilson F. Mota, Regina, L. de Moraes Morel, Carlos Walter Porto Gonçalves, Vanilda Paiva, Nilce Moreira de Azevedo, Drauzio Gonzaga, Aluizio Alves Filho, Marcos Aurélio Barçante e a nossa homenageada Ana Maria Motta Ribeiro, se associaram e se reuniram na casa de um deles para fundar o *Socii*, em latim, com dois “is”, quer dizer amigos. *Socii* Pesquisadores Associados de Ciências Sociais. O Trabalho na Universidade era pago por hora-aula, o contrato iniciou-se em março e terminava em dezembro. Não era permitido fazer nada na universidade além de aula. Nesse sentido, o *Socii* representou uma forma de resistência fora da universidade, para reuniões, discussões, pesquisas e publicações como Os Textos Paralelos, que eram em formato de livros de bolso, bem antes da editora Brasiliense lançar a coleção “Primeiros Passos”. Além disso, o *Socci* ministrava cursos sobre leitura de Marx, leitura de Gramsci, na cidade do Rio de Janeiro e fora do Rio, em Campos. O objetivo inicial do *Socci* era fazer pesquisa pois os financiamentos estavam fechados para jovens pesquisadores, entretanto, o dinheiro para manter a sala e

distribuir os livros era realizado em partilha das aulas ministradas pelo grupo nas instituições universitárias em que estavam lotados como professores.

Nesse contexto, a PUC-Rio abriu-se para as lutas pelas liberdades democráticas proporcionando a esse grupo de jovens professores participação ativa nos espaços universitários da UFF e da própria PUC, bem como da fundação das suas associações de docentes, a Associação dos Docentes da Universidade Federal Fluminense (ADUFF) e a Associação dos Docentes da PUC-Rio (ADPUC), que foi a primeira a ser criada contando com a proteção do cardeal reitor da PUC/Rio, a época McDowell S.J, entre 1976-1982.

Vários intelectuais, professores e pesquisadores importantes retornaram do exílio; esse fato foi impactante. Haviam sido perseguidos durante a ditadura; alguns, ao retornar, não tinham nem o título de graduação, mestrado e muito menos doutorado. Praticamente não tinham acesso ao doutorado e na graduação muitos foram deportados. Alguns ao retornar fizeram cursos, adaptaram currículo. Diante desse quadro, a atuação do referido grupo da *Socci*, e em particular da professora Ana Maria Motta Ribeiro, nomeada aqui de irredentista, merece destaque.

A nomeação de irredentista deve-se à sua trajetória. A professora Ana Motta, carinhosamente chamada de Aninha, possui uma trajetória de não fazer concessões e aplicar a teoria crítica. A sociologia viva que a Ana produz resulta de suas escolhas políticas. Fez resistência, entrou por concurso para os quadros da universidade pública, se qualificou e diferente da geração anterior, pelas circunstâncias políticas da ditadura, não teve o mesmo percurso. A geração anterior não fez percurso de titulação acadêmica dos parâmetros normais, a eles foram distribuídos títulos de livre-docente com equivalência ao doutorado. Decorre daí, que esta geração mais velha entrou em conflito na universidade com os mais jovens. A competição se deu por vezes de forma agressiva com essa geração de jovens que tiveram sua trajetória num outro registro profissional. A agressividade se alicerçava pela faixa etária e pela posição de poder hierárquico que passaram a ocupar, sem contar que a condição feminina incomodava o machismo estruturalmente presente na academia, predominantemente masculina. Esse fato, em particular, dificultava muito a condição básica para a plenitude dos intelectuais, independente do gênero, e consequentemente a qualidade do trabalho intelectual e autonomia nas escolhas temáticas e metodológicas.

Isto posto, salientamos que a atuação profissional e acadêmica da professora Ana Motta se pauta por uma crítica contumaz ao conservadorismo e autoritarismo político, tanto no que diz respeito à teoria e metodologia quanto no que concerne aos costumes. Ana Motta tem sua

#### ***A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO***

marca registrada na irreverência insurgente no campo da atuação teórico-política e na militância institucional.

Por fim, como alerta o colega e parceiro de Ana Motta no *Socci* o professor Gisálio Cerqueira Filho, em seus estudos e pesquisas que atravessam as discussões travadas por Ana Motta na sua trajetória; as contradições entre o pensar, o sentir e o agirem contextos revolucionários, como na Rússia na virada para o século XX, revelam-se na pena do romance *O que Fazer?* de Tchernichevski, (2004). É a partir dessa obra que Gisálio propõe uma conversação<sup>3</sup>.

Embora muitos associem imediatamente esse título, *O que fazer?*, à obra de Vladimir Ilitch Lênin, a verdade é que o título foi “emprestado” de um romance anterior, escrito pelo autor russo Nikolai Tchernichévski. Traduzido para o português por Camilo Domingues e publicado pela da Editora 7 Letras, esse romance era famoso na Rússia do século XIX, vendido nas ruas de Moscou “como se fosse picolé”, tamanha sua popularidade entre os jovens revolucionários. Lênin resolveu trazer o mesmo título: *O que fazer?* para o livro dele (Lênin, 2020). Fato é que foi por meio do livro de Lênin, e desse detalhe curioso, que ficamos sabendo do livro de Tchernichévski, apesar de não ter a ver com o outro.

O livro de Lênin, publicado em 1902, discute a organização do partido e da vanguarda revolucionária. Já o romance de Tchernichévski, publicado em 1863, quarenta anos antes, conta a história de um homem e de uma mulher revolucionária. É uma obra literária sobre como viver uma vida livre, uma vida nova; sobre amor, liberdade e também sobre a revolução socialista. A história se passa na Rússia czarista, sob um regime de opressão, em que as mulheres não tinham o direito de estudar, trabalhar ou de decidir sobre a própria vida. A personagem é uma jovem que se rebela. Em dado momento, ela vira para o companheiro diz que eles precisam se libertar: ela, ele, ambos. Ela não queria mais viver daquela forma, dependente, submissa. Vai direto ao ponto e afirma: “Eu não gosto mais de você”. Ainda havia amor, havia afeto, mas ela comprehende que aquele sentimento já não cabia mais naquele modelo, e que ela precisava de liberdade. Ele fica arrasado, triste, uma alma condensada, angustiado... então se olha no espelho e se pergunta: “O que fazer?”. Poderia pensar que ele falaria: “Espelho, espelho meu, existe

<sup>3</sup> O Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho também participou da aula ministrada na disciplina "Tópicos Especiais em Sociologia X – A crise das crises da Sociologia Ocidental", no dia 11 de dezembro de 2024. Com a sua presença fez uma surpresa à Profa. Dra. Ana Motta, trazendo reflexões e a proposta de uma “conversação” a partir do livro “O que fazer?” de Vladimir Ilitch Lênin e de Nikolai Tchernichévski. Ao fim, Gisálio agraciou a mesa com dois de seus poemas “Temporal” e “Espreita”.

alguém mais bonito do que eu?” – mas não foi isso que ele perguntou. O que ele perguntou foi: “O que fazer?” – diante da dor, do amor, da revolução, da transformação.

Veja: ele para de falar em revolução, porque algo assim desestabiliza o sujeito. Ela, mais uma vez, encara a situação e diz: “Sabe por que eu não gosto mais de você?” Ele vai de novo ao espelho: “O que fazer?”. Esse “segredo” de que ela fala é sobre uma oficina de costura que ela monta, que é uma experiência socialista, de autogestão, só com mulheres. As mulheres trabalham, ganham seu próprio dinheiro, não dependem mais dos maridos, nem dos pais, nem dos homens. E isso, como enfatiza Gisálio, coloca um problema muito sério. Porque é um problema sério para qualquer professor, para qualquer revolucionário, para qualquer pessoa que deseja se transformar e transformar o mundo. Trata-se, então, do que fazer? da ação revolucionária, mas também do que fazer? para se tornar um homem novo, uma mulher nova. Para deixar para trás o machismo, para construir novas formas de relação. O livro mostra isso. Mostra que, se não mudarmos as relações pessoais, não há revolução possível.

Das provocações teóricas, políticas e existenciais que atravessam obras como “O que fazer?” e das interlocuções suscitadas por intelectuais como os do *Socci*, da permanência do autoritarismo, travestido de outros propósitos, implicaram uma reflexão que jovens pesquisadores brasileiros, como a geração de Ana Motta, empreenderam no último quartel do século XX. Eis que a teoria crítica coloca na pauta das agendas de pesquisa e da reflexão no âmbito do humanismo, a sensibilidade como possibilidade de produção do conhecimento. E nesse sentido, a professora Ana Motta juntamente com a Escola de Niterói fizeram e fazem a diferença.

### 3. Repercussão da Escola de Niterói além muros

A geração que iniciou a formação na década de 1980 na Universidade Federal Fluminense no curso de Ciências Sociais teve a experiência e oportunidade de fazer uma formação marcada pela teoria crítica, e por uma perspectiva humanista que primou pela diversidade, qualidade e rigor, sem significar rigidez. A formação nas Ciências Sociais naquela conjuntura e em particular na UFF, se deu numa conjuntura de abertura política, ainda com resquícios da ditadura militar. O Brasil estava vivendo o último governo militar de João Baptista de Oliveira Figueiredo que vigorou de 1979-1985. Porém, o ambiente universitário clamava por democracia, os debates eram pautados por discussões políticas e de costumes por uma

geração de jovens que foram “filhos” da ditadura militar, e que movimentava o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) com suas inquietações.

Os professores do curso de Ciências Sociais da UFF nas diversas áreas, ou seja, sociologia, antropologia, ciência política, economia, filosofia, história e geografia, basicamente, eram professores e professoras advindos da conjuntura mais cruenta da ditadura militar e que ingressaram em precárias condições de trabalho nos anos 1970 como já foi pontuado na primeira parte desse artigo.

Essa geração de professores imprimiram uma marca na formação da geração de 1980 onde se ressalta a teoria crítica e inovação no campo metodológico. Nesse particular, a prática escolar epicurista da Ana Motta ganha relevo. A professora Ana Sempre fez da sua casa, sua residência particular, uma extensão da UFF e, tal qual o filósofo grego Epicuro 4, fez da sua residência, uma casa-escola, um jardim, como era o nome da propriedade que o Epicuro comprou e fundou, uma comunidade que ele convivia com os amigos. Ana Motta, assim como Epicuro, produziu, na sua casa-ensino, um jardim onde filhos e filhas - e agora já netos - floresceram sob o cuidado amoroso da anfitriã que constituiu essa sociedade de saberes diversos na melhor tradição do pensamento crítico e na esteira da dialética marxista.

Para seus filhos e netos, Ana Motta cunhou a expressão “cárcere privado”. Trata-se de uma prisão generosa que cultiva o espírito comunitário epicurista. O “cárcere” em sua residência, significa uma doação generosa de suas experiências e saberes acumulados numa troca, porém, com disciplina e exigência de produção. Por isso, é cárcere. Tem que produzir, tem que mostrar trabalho de qualidade. Em síntese: rigor sem rigidez e fraternidade na troca generosa de saberes numa relação comunitária.

Ana Maria Motta Ribeiro, carinhosamente chamada de “Aninha”: divertida, exigente, generosa, aberta; com um olhar sempre atento à escuta dos movimentos sociais, uma intelectual orgânica no sentido gramsciano; ou seja, organicamente vinculada ao coletivo, uma vinculação que pensa e sente junto. Pensar o coletivo no coletivo, eis a marca da sua trajetória e da sua forma de transmissão. Inquieta, rebelde e criativa. Uma síntese do melhor que a Escola de Niterói, surgida na UFF/ICHF, produziu.

Para exemplificar o estilo intelectual da professora Ana Motta, trazemos a experiência de Marcia Barros Ferreira Rodrigues na disciplina Métodos e Técnicas de pesquisa em 1985, na UFF – era uma turma do último período do curso de Ciências Sociais no qual os alunos fizeram uma prática de pesquisa no *Rock In Rio*, na primeira edição histórica do festival. A

#### ***A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO***

turma foi dirigida pela professora para realizar uma observação participante no festival como requisito avaliativo da disciplina e expor os resultados no Saguão/Térreo do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF), ainda no prédio do Valongo. O resultado foi apresentado e exposto com música, fotos e narrativas numa experiência inesquecível que marcou de uma forma indelével a transmissão e prática do conhecimento científico nas Ciências Sociais. A professora possibilitou a entrada metodológica de forma criativa além de incentivar e motivar a coletivização do conhecimento, o trabalho em grupo, a construção de pontes, realização de trocas.

Outro exemplo que demonstra a repercussão de longa duração da influência da Escola de Niterói além muros, são as atividades desenvolvidas pelo NEI - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias vinculado a Universidade Federal do Espírito Santo(Ufes) e coordenado pela professora Márcia Barros Ferreira Rodrigues, egressa do curso de Ciências Sociais da UFF, ex-aluna da professora Ana Motta e filha da Escola de Niterói. O referido núcleo completa 18 anos de existência neste ano de 2024 e se dedica a fazer pesquisas e atividades de ensino e extensão em vários campos das humanidades. Também é um espaço, como Ana Motta ensinou, de vivência epicurista. Frequentado sem discriminação e com acolhimento das diversidades de gênero, de etnia, de classe social, encarna a diversidade que é expressão da Universidade Federal pública no Brasil e pela qual lutamos.

O NEI desenvolve estudos e pesquisas articulando as ciências sociais e a teoria da psicanálise para além da clínica, como teoria do comportamento humano e também um sistema de pensamento, como define Roudinesco (2000). Interessa ao núcleo discutir o sujeito de desejo e os processos de invisibilidade e estratégias de apagamento social e político de sujeitos para além dos direitos civis políticos e sociais. O foco das discussões do NEI é abordar a dimensão do desejo nas relações sociais e salientar o reconhecimento da alteridade. As agruras, os obstáculos, as dificuldades que acompanham o engano, a derrota, as vitórias e a aposta no porvir, enfim, as vicissitudes e os dilemas que Rodrigues (2005) acompanha nos processos de pesquisas indiciárias onde importa falar da fugacidade do devir histórico, das circunstâncias conjunturais e estruturais na abordagem do desejo humano. Uma crítica contumaz, porém, longe do ceticismo. Partindo da contradição do sujeito tal qual Freud (1909) formulou, ou seja, do sujeito dividido, cuja divisão é constitutiva da nossa condição que é exatamente a de não saber o que queremos. O sujeito humano não é da ordem do quer, da razão é também e, sobretudo, da ordem do sentir. Seguindo a pista de dois dos mestres da Escola de Niterói,

#### *A ESCOLA DE NITERÓI E A RESISTÊNCIA IRREDENTISTA DE ANA MARIA MOTTA RIBEIRO*

Cerqueira e Neder (1997) se faz mister pensar dialeticamente a contradição da estrutura social, da ação política e do sentimento (estrutura psíquica) e perguntar: O que fazer? diante dos impasses do processo político em dada conjuntura.

Judith Butler (2024) oferece uma pista na discussão filosófica desde Hegel e da subtração da dimensão política da subjetividade presente na pauta atual do pensamento crítico e que inclui uma revisão da psicanálise na sua confluência com as ciências sociais. Essa pista levou Marcia Rodrigues a analisar a questão racial no Brasil, a partir das contradições já apontadas por Gramsci e Freud, que é a contradição, é pensar a estrutura social e política, sentir a estrutura psíquica e o agir, a ação política. Essa pista da Judith Butler interessa porque ela leva a uma perseguição sobre essa subtração da dimensão política, da subjetividade ausente nas discussões sobre o racismo no Brasil, ainda.

Parte desse processo é o curso ministrado pela professora Márcia Rodrigues no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGCS), em que vem analisando as interpretações de mulheres negras que se debruçaram a estudar o racismo no Brasil, do ponto de vista da psicanálise. O curso atual é uma discussão a partir de duas militantes intelectuais negras, Lélia González e Neusa Santos, que a partir de Lacan, fazem uma interpretação deste, no tempo de Lacan, porque este estava vivo quando Lélia González (1984) faz suas formulações em “Racismo e sexism na cultura brasileira”, e quando a Neusa Santos Souza (2021) publica seu livro “Tornar-se negro”, em 1983, da sua dissertação de mestrado na Faculdade de Medicina, no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em que fez uma incursão na psiquiatria, a partir de uma leitura lacaniana. E mais à frente, os estudos de Neusa Santos (1999) sobre psicose.

Nesse sentido, na década de 1980, outra expoente da geração crítica e militante, Lélia Gonzalez (1984), que integrou o corpo docente das ciências sociais na PUC/RIO, mobilizou os estudos clínicos de Lacan (1988) e ofereceu uma leitura muito interessante sobre a repercussão do pensamento de Lacan no Brasil e na psicanálise brasileira e apontou indícios do recalque que perdurou por décadas, da questão racial no pensamento e na clínica da psicanálise brasileira. Partindo desse farol e trazendo a clínica do sujeito para a cena brasileira, o NEI aborda em suas pesquisas não apenas a questão do sofrimento psíquico que faz parte do processo do racismo, mas a altivez e a luta por um movimento desejante. Os ensinamentos de Lélia Gonzalez ajudam pensar o recalque na língua por meio do neologismo cunhado por ela como um significante da

cultura brasileira, a saber, o português e o quanto esse significante revela do sintoma da cultura brasileira.

### Considerações finais

A guisa de conclusão, enfatizamos que esses exemplos atestam a herança interdisciplinar e interseccional dos desdobramentos atuais da Escola de Niterói da qual a professora Ana Motta Ribeiro faz parte ativa por meio do lastro presente nos seus ex-alunos e discípulos que hoje levam adiante esse legado. Encerramos estas reflexões rendendo tributos a mãe intelectual de tantos, a querida Aninha, pela participação militante e profícua na transmissão do saber que sabe conduzir, sobretudo, na formação ético-política das Ciências Sociais no Brasil. Ana Maria Motta Ribeiro. Presente!

### Referências

BUTLER, Judith. **Sujeitos do desejo**: reflexões hegelianas na França do século XX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene. **Emoção e política(a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI**. Porto Alegre: Sérgio A. Fabris Editor, 1997, p. 16-18.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. 1909. In: Sigmund Freud. Coleção Os Pensadores; seleção de textos de Jayme Salomão. Tradução de Durval Marcondes (etal.). São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 3-36.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, Cap. 6 e 7.

LACAN, Jacques. **Escritos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O que fazer?** Questões candentes de nosso movimento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

NEDER, Gizlene. **Os Compromissos Conservadores do Liberalismo no Brasil**. Achiamé/ Socii, 1979.

RODRIGUES, Márcia B. F. **Razão e sensibilidade**: reflexões em torno do paradigma indiciário. Revista Dimensões de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, CCHN, n. 17, p. 213-221, 2005.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Jaques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **A Psicose**: um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

TCHERNYCHEVSKI, Nikolai Gavrilovich. **O que fazer?** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.